



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

ALGUMA COR NUM FUNDO DE GRAVURA: PRINCIPAIS CONJUNTOS DA PINTURA PRÉ-HISTÓRICA DO VALE DO CÔA

Lara Bacelar Alves¹, Andrea Martins², Mário Reis³

RESUMO

No Vale do Côa, a utilização da pintura em arte rupestre surge quantitativamente de forma muito reduzida e unicamente em tempos pré-históricos, face à predominância da gravura no decurso dos longos milénios em que signos e imagens foram sendo ali criados. Esta limitação quantitativa não se reflecte na sua relevância científica, como o presente texto procura demonstrar. No contexto de uma síntese sobre os principais conjuntos de pintura pré-histórica nesta região, que se podem dividir em três grupos principais, cronológica e culturalmente subsequentes, será trazida à estampa notícia preliminar de uma das mais surpreendentes revelações que o Vale do Côa guardou para o século XXI: a presença de composições pictóricas que denotam uma clara afinidade estilística com algumas manifestações de Arte Levantina.

Palavras-chave: Pintura rupestre; Vale do Côa; Paleolítico Superior; Arte Subnaturalista; Arte Esquemática.

ABSTRACT

In the Côa Valley, rock paintings appear in small numbers and exclusively in Prehistory, contrasting with the sheer predominance of engravings created across the valley throughout the long millennia its rock art endures. This quantitative limitation does not reflect its scientific relevance, as this paper attempts to demonstrate. In this overview of the main assemblages of prehistoric paintings in the study area, divided into three chronologically and culturally subsequent groups, we shall address one of the most surprising revelations that the Côa Valley kept for the 21st century: the presence of painted compositions that denote clear stylistic similarities with expressions of Levantine Art.

Keywords: Rock art paintings; Côa Valley; Upper Palaeolithic; Subnaturalistic Art; Schematic Art.

1. INTRODUÇÃO

O Côa é conhecido, sobretudo, pela gravura rupestre. É certo que ainda hoje surge o incauto e distraído visitante a perguntar por “grutas e pinturas”, certamente com os clássicos modelos da arte paleolítica em mente. Mas a geomorfologia da região, com os omnipresentes painéis verticais de xisto plenamente expostos aos elementos, tendencialmente lisos e de suave textura, favoreceu, desde sempre, a realização de gravuras. Não surpreende assim que no complexo

rupestre do Côa, onde se conhecem neste momento⁴ 1409 registos em 98 sítios, dos quais 1377 são afloramentos decorados (vulgo “rochas”), apenas em 32 registos se conheçam vestígios de pintura, com 31 rochas em 15 sítios, a que se juntam algumas peças da arte móvel do sítio do Fariseu. Ou seja, a pintura surge em apenas 2% dos registos da arte do Côa, e em 16% dos seus sítios de arte rupestre. O panorama é semelhante no tocante à contagem dos motivos, ainda provisória e em face de profunda revisão no âmbito do projecto LandCRAFT.⁵ Contam-se, neste

1. CEAACP/FCT – FLUC / lara.b.alves@uc.pt

2. FCT / UNIARQ – FLUL / andrea.arte@gmail.com

3. Fundação Côa Parque – CEAACP/FCT / marioreissoares@sapo.pt

4. À data em que se escrevem estas linhas, Junho de 2023.

5. “LandCRAFT – os contextos sócio-culturais da arte da pré-história Recente no vale do Côa, é um projecto financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., com a referência COA/OVD/0055/2019.

momento, cerca de 600 entidades individuais realizadas com recurso a pigmento, entre manchas informes e motivos individualizáveis⁶. Num total de quase 14800 motivos já inventariados na arte do Côa, o universo pintado reduz-se a apenas 4%, em linha com a raridade dos registos.

Raridade, no entanto, não equivale a insignificância. A pintura é conhecida desde os primórdios da investigação na região e um dos seus sítios mais importantes, a Faia, foi descoberto em 1989 (Lemos, 1994:146), bem antes da grande controvérsia da barragem do Côa em 1994/1995. O número de sítios e rochas com vestígios de pintura aumentou paulatinamente com a investigação do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) e do Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART), mas a sua escassez, a dificuldade na sua percepção visual, aliadas à compreensível prioridade dada ao estudo do acervo Paleolítico, levaram a que, inicialmente, a pintura, e a arte da Pré-história Recente em geral, fossem escassamente mencionadas (e.g. Baptista, 1999:152-161). A atenção incidia sobre a possível presença residual de pintura sobre gravura paleolítica na rocha 6 da Faia, sobre a possibilidade de alguns motivos (rochas 3 e 5 da Faia) precederem o Neolítico (Baptista, 1999; Alves, 2003), apesar das menções à presença de Arte Esquemática pintada (e.g. Alves, 2003; García Díez *et alii*, 2003). Na última década o panorama começou a mudar, desde logo com novas descobertas, com o aumento do número de referências à Arte da Pré-história Recente (Martins, 2014; Figueiredo e Baptista, 2013: 307; Reis, 2014: 49) e projectos de investigação dedicados a esta temática. Primeiro, e a uma escala mais modesta, no ART-FACTS⁷ (Alves *et alii*, 2014; Reis *et alii*, 2017), prosseguido pelo mencionado LandCRAFT, em curso (Alves, 2020).⁸ Este último tem como objectivo, entre outros, o levantamento dos sítios com pintura rupestre, recorrendo à utilização de metodologias digitais para a análise de fotografias de alta resolução das super-

fícies decoradas, o que tem permitido a revisão de registos elaborados por decalque directo, bem como aportado revelações passíveis de incitar novas leituras interpretativas do devir da arte pré-histórica no ocidente peninsular.

2. TRAÇOS GERAIS DA EVOLUÇÃO DA PINTURA PRÉ-HISTÓRICA NO CÔA

Considerando o panorama geral da sequência evolutiva da arte pré-histórica do Côa, não apenas o da pintura, e analisando em particular o final do Pleistoceno e início do Holoceno, podem isolar-se dois grandes momentos, intervalados por alguns milénios de incerteza.

O primeiro corresponde aos momentos finais do ciclo artístico paleolítico cujos atributos estão bem estabelecidos pelos resultados da escavação do sítio do Fariseu, nomeadamente pela abundante arte móvel exumada na camada 4 (Santos *et alii*, 2018), datada aproximadamente de entre 12.000 e 10.000 BP, abrangendo assim o final do período glacial e os dois primeiros milénios do Holoceno, até aos finais do IX milénio a.C. (Aubry e Sampaio, 2009: 76-77; Mercier *et alii*, 2009: 346-347). A iconografia móvel apresenta características similares às inúmeras figuras congêneres disseminadas pelos afloramentos rochosos da região do Côa, caracterizando-se genericamente pela tendência para a geometrização das representações zoomórficas e perda (frequentemente muito acentuada) de naturalismo em relação às fases prévias da arte paleolítica (Baptista, 2008; Santos, 2012: 44; 2023: 105-108; Reis, 2021a: 41). As raras figuras antropomórficas atribuíveis ao período Tardio-Glacial (Reis, 2020) assumem, em geral, e apesar da sua heterogeneidade, corpos longos e estreitos com membros igualmente longos e estreitos, por vezes com representação explícita das extremidades, mão e/ou pés, numa iconografia que irá perdurar.

O segundo momento bem caracterizado, já plenamente holocénico, corresponde à Arte Esquemática, representativa de sociedades que adoptaram, ou se encontravam em processo de adoptar, inovações características da economia produtora. No Côa, a Arte Esquemática, gravada e pintada, não oferece para já, localmente, elementos seguros que permitam estabelecer o seu contexto cronológico com precisão, porém enquadra-se perfeitamente no panorama convencional da Arte Esquemática Penin-

6. O acervo contempla, por exemplo, um considerável número de 'barras' que podem surgir isoladas ou agregadas, formando séries, mas que têm sido contabilizadas individualmente.

7. «ART-FACTS Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa» (PIPA | 2012-2016).

8. Ver, por exemplo, Alves, 2020; Reis & Alves, 2023.

sular (Acosta, 1968; Hernández Pérez, 2006). Pode considerar-se assegurada a sua presença desde o IV milénio AC até finais do III milénio AC abrangendo assim o Neolítico Médio e Final, e todo o Calcolítico, sendo plausível que os seus primórdios possam recuar ainda ao V milénio AC, tendo em consideração as propostas mais comumente aceites (e.g. Alves e Comendador, 2017: Tabela 1).

Desta forma, falta estabelecer com segurança se existe, ou não, arte rupestre no Côa integrável nos tempos iniciais do Holoceno, entre estes dois grandes momentos balizados, aproximadamente, entre os finais do IX e os V/IV milénios AC.

Desde o início da investigação sobre a arte do Côa que se conhece um conjunto de poucas dezenas de figuras, quase todas gravadas por picotagem na modalidade técnica por vezes designada por “bago de arroz”⁹ ou picotado disperso, as quais se sugeriu pertencerem, precisamente a esta fase intermédia, pós-paleolítica e prévia ao surgimento da Arte Esquemática (Baptista, 2009: 183). Já isentas do realismo figurativo típico da plena arte paleolítica, é plausível que possam constituir parte do universo simbólico das comunidades de caçadores-recolectores que sucederam às do final do Paleolítico, e em relação às quais apresentam, em simultâneo, facetas de continuidade e mudança. Este conjunto revela, assim, diferenças na técnica de execução, dimensão dos motivos, na quantidade (mais diminuta, considerando o número considerável de figuras incisas do tardi-glaciário), na implantação e na relação com a paisagem, mas mantêm uma continuidade estilística genérica no recurso a um subnaturalismo geometrizado. Mas, por outro lado, esta afinidade poderá, igualmente, legitimar a hipótese de que este conjunto figurativo faça parte integrante da iconografia do final do Paleolítico Superior, a par das figuras ilustradas pela arte móvel da camada 4 do Fariseu e suas congéneres incisas em rochas ao ar livre (e.g. Santos, 2023: 106; Bueno *et alii*, 2023; Santos *et alii*, 2018: 56-57).

De acordo com os dados actuais, as duas hipóteses são plausíveis. No entanto, a primeira, partilhada pe-

los autores deste texto, integra este conjunto de figuras nas fases culturais que medeiam entre o final do Paleolítico Superior e o Neolítico, compatibilizando a sequência da arte com a do registo arqueológico (e.g. Aubry e Sampaio 2009; Monteiro-Rodrigues, 2011) que aponta para um *continuum* ocupacional e cultural, descartando, assim, hiatos consideráveis no devir da arte. Pelo contrário, ao tomar todo este universo iconográfico como pertencendo unicamente aos momentos finais do Paleolítico Superior, introduz-se um longo intervalo na realização artística difícil de explicar, a menos que se considere que a Arte Esquemática sucede directamente ao ciclo paleolítico.

Conforme referido, a maioria das figuras que integram este conjunto são gravadas, com destaque para o conhecido veado da rocha 1 de Vale de Cabrões (Baptista, 1999:138-139) ou para diversas figuras do sítio da Canada do Inferno (Baptista, 2009: 182-183, 214-215), entre outras (cf. Reis e Alves, 2023). No tocante à pintura, alguns antropomorfos presentes nas rochas 1, 3 e 5 do sítio da Faia parecem levantar as mesmas dúvidas e hipóteses (e.g. Bueno *et alii*, 2023), na medida em que cânones figurativos, como a representação dos membros exageradamente longos, recordam os de alguns antropomorfos incisos atribuídos ao Tardi-Glaciário, a exemplo de uma das figuras que surge na rocha 2 do Alto da Cotovia ou outra da rocha 11 da Broeira (Reis, 2020: Fig. 3, nºs 1 e 7). Nestes casos, se a concepção gráfica geral das figuras gravadas e pintadas que partilham corpos e membros longos pode ser paralelizável, outras variáveis estilísticas permitem diferenciá-las e não apenas pelo uso de técnicas de execução distintas porque, como bem se sabe, a maioria das tradições artísticas pré-históricas compatibiliza gravura e pintura, embora seja manifesto o predomínio de uma ou outra. Estas outras variáveis passam pela implantação dos sítios na paisagem aliada à posição que as figuras ocupam no espaço operativo da rocha, aos demais motivos com que se associam (ou não), se com eles interagem formando composições e o carácter destas (estático, narrativo, ideográfico...). Assim, ao atendermos a um leque mais abrangente de factores na caracterização do conjunto figurativo, mais se consolida a ideia de uma ‘evolução na continuidade’ da arte dos últimos caçadores-recolectores do Côa, descendentes das comunidades tardi-glaciares e que se mantiveram nesta região ao longo do Mesolítico (e.g. Monteiro-Rodrigues, 2012).

9. Usamos aqui esta designação de forma a individualizar uma técnica que deixa negativos mais amplos, espaçados e muitas vezes individualizáveis, utilizada nas gravuras do pós-glaciário, do picotado fino, contínuo e persistente, que tende a criar linhas de contornos bem definidos, característico dos estilos das fases mais antigas do Paleolítico.

As novas descobertas resultantes da investigação no âmbito do projecto LandCRAFT, se não tiram completamente as dúvidas no que respeita a este lote particular de figuras, vieram confirmar a presença de um novo conjunto figurativo entre elas, desta feita exclusivamente pintado que, sem perderem o traço subnaturalista, encontram os seus mais próximos paralelos iconográficos na Arte Levantina colocando-os mais firmemente em tempos pós-paleolíticos, pese embora o secular debate sobre a sua cronologia (e.g. García Arranz *et alli*, 2012). Estas novas evidências, ajudam, no nosso entender, a preencher mais efectivamente o espaço temporal correspondente às sociedades recolectoras que subsistiram nos primeiros milénios do Holoceno.

3. PINTURA PALEOLÍTICA

O Côa paleolítico é, decididamente, um lugar de gravura. A escassíssima pintura não é apenas residual mas também de difícil interpretação. Deixando de lado a discussão sobre se terá havido pintura paleolítica em maior abundância, quer em figuras só pintadas quer complementando figuras gravadas, algo possível, mas difícil de atestar numa arte quase integralmente de ar livre (cf. Baptista, 2009:72; Santos, 2023:74), vestígios de pintura potencialmente atribuíveis ao Paleolítico Superior encontram-se em apenas três sítios: Faia, Fariseu e Poço Torto.

O caso mais conhecido é o da rocha 6 da Faia, onde em seis das sete figuras paleolíticas gravadas a picotado e datáveis da fase Graveto-Solutrense foram registados vestígios de pintura (Baptista, 1999:154-157). Nas cabeças entrecruzadas de cavalo e auroque, registaram-se apenas resquícios, surgindo por cima dos traços gravados e, no caso do auroque, também no interior da cabeça, na zona onde figuraria o olho. Mais evidentes e completos são os vestígios de pintura nas quatro cabeças de auroque do lado direito, que se conservam sobre os traços gravados. Nesta mesma zona da rocha surgem figuras esquemáticas pintadas, de cor visualmente indistinguível da que se encontra sobre os traços dos auroques paleolíticos. Um dos antropomorfos foi colocado dentro da cabeça do auroque mais à esquerda, no que parece um acto intencional (Figura 2). Sendo assim, pode naturalmente colocar-se a hipótese de também a pintura sobreposta aos traços gravados ser coeva das figuras esquemáticas, e não paleolíti-

ca¹⁰. É possível, mas quer um caso, quer outro, seria único no Côa. No entanto, o facto de as cabeças de auroques repintadas sobre os traços gravados terem, nalguns casos, a delimitação dos focinhos feita exclusivamente em pintura, sem gravura prévia e num detalhe estilístico típico do Paleolítico Superior, é argumento passível de sustentar a hipótese paleolítica (Baptista, 1999:154; Santos, 2023:62). Por outro lado, pese embora este seja um exemplo singular, não se pode descartar a ideia de que as comunidades da Pré-história Recente seriam conhecedoras da presença desta arte ancestral gravada nas rochas do Côa (Alves, 2003: 366). Curiosamente, a escassas dezenas de metros, na margem oposta do rio, surge a figura de uma cerva gravada a linha picotada, de cronologia análoga às gravuras da rocha 6, num ambiente propício à conservação de pintura - o interior de um abrigo formado pela queda de um bloco granítico monumental - mas da qual não se detectaram quaisquer indícios.

No sítio do Fariseu, do total de 89 peças de arte móvel exumadas da escavação, cinco (peças 85, 86, 87, 88 e 89) apresentam vestígios de ocre na sua superfície (Santos *et alii*, 2018:44-45), sendo as três primeiras provenientes da camada 4, as restantes da camada 8, correspondendo todas a seixos (dois de quartzo, dois de quartzito e um de granito). Apenas nas peças 85 e 86 foram identificadas o que se interpreta como sendo figuras, produzidas mediante uma peculiar técnica de remoção de pigmento (por raspagem?) sobre um fundo prévio de pintura, definindo formas. Em virtude da parca conservação do pigmento e da imensa dificuldade na percepção visual nas imagens publicadas, mesmo recorrendo a técnicas digitais como o DStretch¹¹ (e.g. Aubry, *et alli*, 2017; Santos *et alii*, 2018:93), a interpretação adiantada para ambas as peças, deve ser considerada com reserva. A peça 85 é descrita como contendo uma figura humana, cujos cânones representativos

10. No passado mês de Setembro (2023), a equipa de investigação do LandCRAFT deslocou-se ao sítio da Faia para proceder a uma análise detalhada da relação entre gravura e pintura na rocha 6 e sua sequência diacrónica. As observações dela decorrentes, a divulgar a breve trecho, poderão contribuir para um melhor esclarecimento desta questão.

11. Técnica de processamento de imagens de pinturas rupestres, criada por John Harman (<https://www.dstretch.com>), acessível como plugin de ImageJ: <https://www.dstretch.com>.

recordam as figuras antropomórficas pintadas da Faia. Na peça 86, um seixo de granito onde a pintura é ainda mais ténue, interpreta-se o contorno de uma figura humana, de aspecto mais “esquemático”, acompanhado de um eventual quadrúpede (*ibidem*), quase indistinto¹².

Por fim, no abrigo do Poço Torto, a par de um conjunto de pinturas integráveis no universo esquemático, surgem duas outras que delas divergem na técnica, temática e estilo e que, aprioristicamente, adscrevemos ao período Tardi-Glaciário (Figura 2). Surgem acima e ao lado do conjunto figurativo principal e que, pela dificuldade na sua percepção, foram deficientemente esboçadas no registo realizado por decalque directo (Figueiredo e Baptista, 2013:312). Com uma cor vermelha um pouco mais delida do que a dos demais motivos, a técnica de execução, com recurso a pincelagens finas, contrasta com os largos traços digitados das restantes figuras. Uma configura um pequeno signo triangular, formado por um feixe de finos traços, a outra, de interpretação mais complexa, parece corresponder a uma figura zoomórfica, quiçá híbrida, mas que, a sê-lo, se afasta dos convencionalismos gráficos da arte naturalista. No dorso forma-se um ângulo triangular proeminente e irrealista, as patas dianteiras são bem visíveis mas a parte posterior é quase imperceptível. Pode sugerir-se também que se trata de uma figura humana (ou híbrida: humana/animal) disposta em posição horizontal. Não sendo impossível que possam integrar o universo das figuras subnaturalistas pós-paleolíticas, os paralelos mais próximos surgem na arte do final do Paleolítico Superior do Côa, sobretudo o signo se integra perfeitamente neste contexto (Reis, 2021b:17). Este conjunto encontra-se ainda em fase de estudo

12. Mantemos que a qualidade do registo fotográfico destas peças constante em diversas publicações não permite retirar ilações seguras acerca da exacta morfologia dos eventuais motivos nelas figurados. Igualmente não clarifica se a raspagem se revestiu de um carácter intencional com vista à representação de uma figura ou se os traços resultam de actos ocasionais sobre a superfície que, involuntariamente, criaram formas sugestivas de figuras humanas. Seria, portanto, fundamental empreender uma mais rigorosa documentação já que sobre elas se tem vindo a sustentar a revolucionária tese que considera a integração num contexto cultural ainda paleolítico dos antropomorfos subnaturalistas pintados da Faia e mesmo de figuras de recorte esquemático (e.g. Aubry, *et alli.* 2017; Bueno, *et alli.* 2023).

mas a confirmar-se a hipótese, estas seriam as pinturas rupestres conhecidas nas paredes rochosas da região do Côa que, de forma mais plausível, poderiam ser atribuídas ao Pleistoceno.

4. A PINTURA SUBNATURALISTA OU ‘PRÉ-ESQUEMÁTICA’¹³

Ainda relativamente escassos face ao universo da pintura esquemática, o número de motivos e composições de estilo subnaturalista cresceu significativamente nos últimos anos, embora a sua maioria se encontre em fase de estudo. Tendo figuras presentes em, pelo menos, 10 rochas em 6 sítios, a sua distribuição conhecida circunscreve-se a dois conjuntos de sítios. Um na zona granítica do Côa, a aproximadamente 17/18 quilómetros da embocadura do Côa, agrupando os sítios contíguos da Faia e Ervideiro e a que talvez se possa juntar o painel 6 do vizinho abrigo das Lapas Cabreiras. O outro surge a 4/5 quilómetros de distância da foz do Côa, em plena geologia xistosa, agregando rochas em três sítios, igualmente contíguos: Vale de Videiro, Vale de Figueira e Ribeira de Piscos. Um dos aspectos comuns aos dois conjuntos de pinturas é a sua implantação em espaços naturais monumentalizados por imponentes falésias ou escarpas rochosas, quer no conjunto granítico, quer no ‘vale de xisto’ (Reis e Alves, 2023: Fig. 7 e Fig. 9). Por outro lado, na Faia e também no Ervideiro surge outro tipo de figuras, estilisticamente com algumas semelhanças no estilo subnaturalista das figuras animais e na adopção dos cânones genéricos no que toca aos antropomorfos – corpos e membros longos e estreitos – mas, desta feita, com a presença de detalhes anatómicos adicionais, assim como a representação de cenas de carácter narrativo muito expressivas, nas quais é patente a interacção entre figuras humanas e entre estas e animais, temáticas ausentes na arte tardi-glaciária. É o caso da associação entre um antropomorfo e um bovino no painel 2 da rocha 1 da Faia e das várias interacções entre figuras humanas e animais na rocha 1 do Ervideiro (em fase de estudo) (Figura 3: D).

13. A designação “ciclo preesquemático” foi aplicada por H. Collado e J. J. García, em 2012, numa síntese que versa precisamente sobre a arte dos caçadores-recolectores entre o final do Paleolítico Superior e o Neolítico na Península Ibérica (in García Arranz, 2012).

Se as representações zoomórficas pintadas que temos vindo a identificar nestes contextos são relativamente homogêneas entre si, no que respeita ao acervo antropomórfico, por oposição, a diversidade de sub-tipos é assinalável (Figura 3: A, B, C, D). Todavia, no seio desta diversidade, é possível isolar um grupo de motivos, sempre inseridos em composições dinâmicas, de pendor narrativo, cujos paralelos mais próximos, quer geográficos, quer iconográficos, se encontram na arte do arco Mediterrânico. Esta afinidade, pese embora já se pudesse intuir nas pinturas da Fraga d'Aia ou da rocha 3 da Faia (e.g. Alves, 2003) é, nestas novas descobertas, surpreendentemente óbvia. Óbvia, desde logo, na aparência formal dos motivos e recursos de representação. O mais claro exemplo encontramos no contorno das vestes da figura feminina do lado esquerdo no painel da rocha 3 de Vale Videiro, cuja metade inferior, bem preservada, mostra ainda, em perspectiva lateral, o contorno torneado das pernas e os pequenos pés e, em perspectiva frontal, parte do torso e cabeça, na qual se vislumbra o penteado arredondado acima do pescoço. Entre as inúmeras figuras femininas representadas na arte do levante ibérico, é no trio retratado no abrigo de Lucio/Gavídia, em Bicorp¹⁴ (Monzonis e Viñas, 1981), que encontramos uma correlação estreita para as características morfológicas desta figura que, na verdade, está acompanhada por outra, de maiores dimensões, estilisticamente análoga, porém parcamente conservada (Figura 3: F).

De facto, neste sub-grupo agora identificado no Côa predominam as figuras do género feminino, o que é manifesto na composição do painel 4 da rocha 2 do Ervideiro (Figura 3: E). Aqui está também patente o binómio, típico da arte levantina e também macroesquemática, que associa figuras de maiores dimensões com figuras de menores dimensões, cenas presumivelmente de cariz familiar, ou, pelo menos, de sentido comunitário. É importante sublinhar que as imagens deste painel que aqui se trazem à estampa são representativas do momento de revelação destas figuras. Elas replicam, fixam um momento do processo de investigação: aquele em que compreendemos que a maioria dos motivos pintados são absolutamente invisíveis à vista desarmada por se encontrarem recobertas por uma superfície concrecionada, que preservou as pinturas mas as apartou

14. <https://artrupestre.com/es/yacimiento/abrigo-de-lucio-o-gavidia/>.

do olhar. Aqui vislumbram-se duas fileiras de figuras humanas, um possível zoomorfo (que o registo, em curso, procurará, clarificar) e dois motivos solares, com um ordenamento em planos paralelos na superfície vertical. No quadrante superior direito, duas figuras femininas ladeiam uma outra, com metade da sua altura, e que aparentemente não enverga as vestes (saias, vestidos) que tipificam as demais. Um dos aspectos que ressalta deste conjunto, por comparação com o da rocha 3 de Vale Videiro é a distinta concepção gráfica destas figuras femininas. Embora mantenham os elementos mais distintivos (corpos e membros longos, representação das extremidades e das vestes), a figuração das pernas, de tendência mais linear, e da cabeça, ovalada, sem detalhes no contorno do pescoço e do cabelo, também encontram afinidade na arte do arco Mediterrânico, sobretudo nos acervos da região de Murcia, de que podemos destacar as pinturas dos abrigos de Los Grajos (e.g. Beltrán, 1983).

Não nos querendo cingir, mesmo nesta brevíssima exposição, à mera analogia iconográfica, assinale-se que a própria conceptualização do arranjo compositivo se aproxima das formulações gerais propostas por V. Villaverde e colaboradores (2006) e I. Domingo (2008) para a caracterização do sub-grupo considerado mais antigo da Arte Levantina, o horizonte gráfico Centelles: a) a ausência de cenas de caça; b) predomínio da representação de 'temas sociais'; c) a elevada percentagem de figuras femininas; d) as representações tendem a concentrar-se nas zonas superiores dos painéis, seguindo eixos horizontais e verticais; e) as dimensões dos motivos rondam os 20-35 centímetros em média.

Por último, é importante salientar exemplos do que se pode interpretar como potenciais encontros entre as *facies* subnaturalista e esquemática,¹⁵ o que poderá ter sucedido por ocasião do advento da Arte Esquemática. Estes indícios são raros, porém, no painel 6 do abrigo das Lapas Cabreiras, as figuras humanas

15. Entre outros aspectos, é interessante reparar como a pintura esquemática, seguramente mais recente que a subnaturalista e com uma área de distribuição mais ampla, se instala nos mesmos sítios onde já se encontrava a pintura subnaturalista: na Faia e Ervideiro, Vale de Videiro, Vale de Figueira e Ribeira de Piscos. Pontualmente, as mesmas rochas são escolhidas para ambos os estilos (infelizmente, até ao momento, sem sobreposições), como é o caso da rocha 2 do Ervideiro, rocha 3 de Vale de Figueira, eventualmente na rocha 60 da Ribeira de Piscos ou no abrigo das Lapas Cabreiras.

têm um aspecto muito “esquemático”, mas a presença de cabeças arredondadas e de pés desenvolvidos sugere, ainda que não de forma determinante, uma possível afinidade estilística anterior. Um outro exemplo mais interessante de um aparente “sincretismo” entre os dois estilos surge no painel 1 da rocha 2 do Ervideiro. Numa extraordinária composição dentro de uma cartela ovalada, fechada em cima e aberta em baixo e com segmentação interna, surge uma representação solar, um ramiforme, e dois antropomorfos (Reis e Alves, 2023: Fig. 35). As duas primeiras têm os seus mais conhecidos paralelos no repertório figurativo da Arte Esquemática. Um dos antropomorfos, de corpo linear e dois curtos braços rectilíneos, encaixa bem nos cânones esquemáticos, apesar do corpo longo. O segundo, mais próximo dos cânones da *facies* subnaturalista, exhibe um longo corpo, cabeça arredondada, longos braços que terminam em mãos bem evidenciadas, e uma protuberância triangular na cintura idêntica às referidas “saías”, da qual emergem duas pernas, uma das quais rematada num pé. Assim, esta composição, seguramente feita num só momento, junta elementos estilísticos dos dois universos numa superfície que aparenta conter pelo menos duas fases de acção pictórica.

5. A ARTE ESQUEMÁTICA PINTADA

Na Arte Esquemática presente no vale do Côa a pintura predomina face à gravura, pese embora a existência de importantes conjuntos figurativos esquemáticos gravados, com destaque para os sítios do Vale da Casa, Namorados ou Ribeira da Cabreira (cf. Reis e Alves, 2023). Motivos pintados esquemáticos encontram-se em 15 rochas em 11 diferentes sítios, numa considerável expansão, quantitativa e territorial, em relação ao panorama da pintura subnaturalista, embora se mantenha nas mesmas áreas. Há uma considerável variabilidade a nível das implantações e da sua conexão paisagística. No entanto, as rochas com composições mais complexas tendem a localizar-se em abrigos rochosos e lugares imponentes na paisagem. É o caso das três rochas da Faia com motivos esquemáticos (rochas 2, 6 e 8), todas em maciços rochosos de grande monumentalidade, dos destacados abrigos da Ribeirinha, da rocha 2 de Vale de Videiro e rocha 18 de Piscos, ou do conjunto de três abrigos quartzíticos do Colmeal. No entanto, em todos estes exemplos, a monumentalidade

do sítio tem uma reduzida amplitude visual pelo cariz acidentado do terreno e pela sua localização em fundo de vale, ou seja, os sítios só são perceptíveis a curta distância. A principal excepção é o grande abrigo das Lapas Cabreiras, localizado na orla planáltica, único na região pelas suas dimensões e que, no que poderá não ser uma coincidência, é também o que congrega o mais amplo conjunto de pinturas esquemáticas em toda a região. Outras rochas, com iconografia menos abundante, têm implantações mais discretas, como o abrigo de Vale d’Arcos (já sobre o Douro), o abrigo do Castelejo, a rocha 1 de São Gabriel ou o abrigo do Poço Torto, muito original em termos figurativos mas também muito disfarçado na paisagem envolvente, (Reis e Alves, 2023). A extensa superfície vertical abrigada correspondente à rocha 3 de Vale de Figueira ou a rocha 2 do Ervideiro parecem constituir excepções a este panorama, tendo ambos reduzida e discreta imagética esquemática mas implantando-se em maciços rochosos de alguma monumentalidade, muito notória no caso do Ervideiro, com a superfície pintada na base de uma falésia quase vertical. Em ambos os casos, no entanto, as raras pinturas esquemáticas sucedem a pinturas subnaturalistas anteriores, e a escolha da sua implantação poderá estar primordialmente associada a esta primeira fase, sendo naturalmente “herdada” na fase esquemática.

Genericamente, a Arte Esquemática do vale do Côa encaixa nos cânones peninsulares, com o habitual predomínio de representações antropomórficas, escassez de figuras zoomórficas e uma apreciável quantidade e variedade de motivos geométricos, com o normal destaque para as mais simples (barras ou pontos). Contudo, uma das mais interessantes características do acervo é a considerável diversidade tipológica dos motivos nas suas diferentes categorias e nalgumas das suas originalidades, como o belo motivo abstracto subcircular pintado a branco no abrigo do Poço Torto, ou a insistência no tema “mão” nas Lapas Cabreiras (e.g. Alves 2020).

6. PINTURAS DE CONTEXTO CULTURAL INDETERMINADO

Restam algumas rochas com vestígios de pintura no Côa que são difíceis de adscriver a uma fase específica por se limitarem a manchas informes ou por não se encaixarem facilmente em padrões estabele-

cidos. No caso das manchas informes de pigmento, não é sempre fácil distinguir se sempre foram assim, se se encontram reduzidas ao seu estado actual por motivos de conservação, ou até se não poderão tratar-se de manchas naturais. Tal poderia ser o caso da rocha do Gamoal e dos abrigos 3 e 4 de São Gabriel, embora as respectivas manchas aparentem um aspecto suficientemente antrópico para a sua inventariação. A origem humana parece evidente no caso das rochas 4 e 61 da Ribeira de Piscos, na Mioteira e na rocha 4 da Faia. Se nas rochas de Piscos não é possível fazer uma conexão cultural, na Mioteira parece mais provável um parentesco esquemático. Voltando à Ribeira de Piscos, a rocha 14 é igualmente difícil de classificar, pela sua iconografia extremamente simples – um grupo de barras horizontais e uma mancha de forma triangular, talvez assignáveis ao mundo esquemático, porém não se encontram directamente associadas a um tipo clássico. No Colmeal, o abrigo 3 apresenta pequenos motivos pintados a negros, talvez esquemáticos, mas com técnica, coloração e estilos divergentes do restante contexto da rocha, não sendo impossível a sua origem histórica. Por fim, no Barrocal dos Lameiros, um sítio uma ocupação balizável entre meados e final do III milénio a.C. (Muralha *et alii*, 2022), surge um painel, no seio de um caos de blocos, com simples formas triangulares, de difícil interpretação (Reis e Alves, 2023: Fig. 32).

7. PALAVRAS FINAIS

Nesta breve síntese percorremos algumas das principais problemáticas actualmente em debate sobre o devir da pintura rupestre no Vale do Côa, que, por via das novas revelações, se ergue, mais uma vez, como ‘lugar central’ para a investigação de arte rupestre, desta feita, pós-Paleolítica. Consubstancia-se, hoje, a preservação, numa área geograficamente circunscrita, de vestígios de praticamente todos os ciclos artísticos presentes no espaço mediterrânico peninsular. Entre estes, salienta-se a diversidade do universo subnaturalista e o ineditismo, nestas geografias ocidentais, de representações com afinidades na arte holocénica do arco Mediterrânico sendo que os trabalhos em curso e os futuros permitirão uma melhor sequenciação cronológica e enquadramento, não só destes mas de outros sítios há muito conhecidos. É de sublinhar, no entanto, a extrema dificuldade de detecção destas pinturas, apenas pos-

sível através de novos protocolos de registo, o que sugere que outras similares se possam vir a surgir. Metodologicamente, procuramos prosseguir uma abordagem contextual, assente em escalas temporais, espaciais e conceptuais dialéticas e amplas, orientadoras de uma observância das subtis continuidades que podem ser identificadas sob o véu de igualmente subtis rupturas e inovações. Esta mesma linha interpretativa poder-se-á aplicar à leitura dos contextos sócio-culturais do período que medeia entre o final do Paleolítico Superior e o Neolítico, em que sociedades genericamente conservadoras, em adaptação às condições ambientais e vivências sob um novo regime climático, terão mantido, por certo, contactos supra-regionais e, logo, uma aproximação a inovações culturais que então perpassavam o espaço peninsular. Porém, este é um assunto a ser tratado mais detalhadamente num futuro próximo.

BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, Pilar (1968) – *La Pintura rupestre Esquemática en Espana*, Memorias del Seminario de Prehistoria y Arqueología, Universidad de Salamanca, Salamanca, 250 p.
- ALVES, Lara Bacelar (2003) – *The movement of Signs. Post-Glacial rock art in Northwestern Iberia*. Tese de Doutoramento policopiada. Reading: Universidade de Reading.
- ALVES, Lara Bacelar (2020) – LandCRAFT. A arte da Pré-história Recente no Vale do Côa. *Kairós*. Coimbra. 5, pp. 6-21.
- ALVES, Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; Carvalho, Bárbara (2014) – ART-FACTS: uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 16, pp. 101-106.
- ALVES, Lara; COMENDADOR, Beatriz (2017) – Arte esquemático pintado en el noroeste peninsular: una visión integrada transfronteriza. *Gallaecia*. 36: 11-52. doi: <https://doi.org/10.15304/gall.36.5019>.
- AUBRY, T.; GAMEIRO, C.; SANTOS, André Tomás; LUÍS, Luís (2017) – Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglacial e o Pré-boreal no Vale do Côa. In ARNAUD. José Morais, MARTINS, Andrea, eds., *Arqueologia em Portugal: 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.
- AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge Davide (2009) – Escavações e sondagens. In AUBRY, Thierry, ed., – *200 séculos da história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores artistas do Paleolítico*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, pp. 36-83.
- BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz

Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa/Centro Nacional de Arte Rupestre.

BAPTISTA, António Martinho (2008) – Aspectos da Arte Magdalenense e Tardi-glaciário no Vale do Côa, in LIMA, Alexandra Cerveira, BAPTISTA, António Martinho, COIXÃO, António do Nascimento, LUÍS, Luís, RODRIGUES, Miguel (coords), *Fórum de Valorização e Promoção do Património Regional – actas das sessões*, Porto: Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, pp. 16-31.

BAPTISTA, António Martinho (2009) – *O paradigma perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de ar livre em Portugal*. Vila Nova de Foz Côa: Edições Afrontamento/Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BELTRÁN, Antonio (1969) – La cueva de los Grajos y sus pinturas rupestres, em Cieza (Murcia), Anejo de *Caesar Augusta*, VI, Universidad de Zaragoza, pp. 45-88.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; SANTOS, André Tomás; AUBRY, Thierry (2023) – Arte finiglaciário (Estilo V/Azilense). Caracterização das manifestações e contextualização dos conjuntos do Côa e Siega Verde. In AUBRY, Thierry, FERNÁNDEZ MORENO, José Javier, SANTOS, André Tomás, VEGA MAESO, Cristina, coords., – *Côa e Siega Verde. Arte sem Limites*. Consejería de Cultura, Turismo y Deporte. Junta de Castilla y León, pp. 96-111.

DOMINGO SANZ, Inês (2008) – From Form to the Artists: Changing Identities in Levantine Rock Art (Spain). In DOMINGO SANZ, Inês, FIORE, Danae, MAY, Sally K., eds., *Archaeologies of Art. Time, place, Identity*. One World Archaeology 55, Walnut Creek, California: Left Coast Press, pp. 99-129.

FIGUEIREDO, Sofia Soares; BAPTISTA, António Martinho (2013) – A Arte Esquemática em Portugal. In GARCÍA, Julián Martínez; PÉREZ, Mauro S. Hernández, eds., – *Actas del II Congreso de Arte Esquemático en la Península Ibérica*. Almería: Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 301-315.

GARCÍA ARRÁNZ, José Julio; COLLADO GIRALDO, Hipólito; NASH, George (coords.) (2012) – *The Levantine question. Post-palaeolithic rock art in the Iberian Peninsula*. Budapest: Archaeolingua Alapítvány; Cáceres: Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones.

GARCÍA Díez, Marcos; MARTINS, Andrea; MAURÍCIO, João; RODRIGUES, Ana; SOUTO, Pedro (2003) – Prospeção Arqueológica no Alto Côa. Novas descobertas de arte rupestre. *Al-Madan*, 12, Centro de Arqueologia de Almada. Almada: 180-181.

HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (2006) – Artes esquemáticas en la Península Ibérica: el paradigma de la pintura esquemática, In MARTÍNEZ GARCÍA, Julian; HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro, eds., *Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica – Congreso*, Comarca de Los Vélez, pp. 13-31.

LE MOS, Francisco Sande (1994) – *Dossier Côa I: O relatório de impacto patrimonial* (1989). Forum. Braga. 15-16, pp. 141-156.

MARTINS, Andrea (2014) – *A pintura rupestre do centro de Portugal antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris*. Tese de Doutoramento, Universidade do Algarve, 2 vol. (texto policopiado).

MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; FROGET, Laurence; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; AUBRY, Thierry (2009) – Cronologia da ocupação humana no Vale do Côa durante o Paleolítico Superior. In AUBRY, Thierry, ed., – *200 séculos da história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores artistas do Paleolítico*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, pp. 343-347.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011) – *Pensar o Neolítico Antigo. Estudos Pré-históricos* 16. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2012) – “Novas datações pelo Car-14 para as ocupações holocénicas do Prazo (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Norte de Portugal)”, in *Estudos do Quaternário*, 8, pp. 22-37.

MONZONIS, F.; VIÑAS, Ramón (1981) – Cinco nuevos abrigos con arte rupestre en la zona de Bicorp (Valencia), *Altamira Symposium*, pp. 397-410.

MURALHA, João; REIS, Mário; MAGALHÃES, Carla; BARTARDA, António (2022) – A Intervenção Arqueológica no Barrocal dos Lameiros (Figueira de Castelo Rodrigo) – 2021. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 24, pp. 101-110.

REIS, Mário (2014) – ‘Mil rochas e tal...!’: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (Conclusão). *Portvgalia*. Porto. 35, pp. 17-59.

REIS, Mário (2020) – Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal: 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 537-549.

REIS, Mário (2021a) – Palaeolithic art in Portugal and its zoomorphic figures. In SIGARI, Dario; GARCÊS, Sara, eds. – *Animals in Prehistoric Art. The Euro-Mediterranean region and its surroundings [Arkeogazte 11]*. Vitoria-Gasteiz: Arkeogazte-K Editatua, pp. 19-46.

REIS, Mário (2021b) – Emotions at the surface: Ribeira de Piscos, and the role of emotionality in its establishment as the major Magdalenian site within the open-air Côa Region rock art complex (Portugal). *Adoranten*. Tanumshede. 52, pp. 5-40.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar (2023) – Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciário: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Côa. In CORREIA, Dalila; SANTOS, André Tomás, eds., – *Por este rio acima: a Arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em Homenagem a António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: Fundação Côa Parque, pp. 117-180.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha; CARVALHO, Bárbara (2017) – Art-facts – os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa. *Techne*. Tomar. 3 (1), pp. 97-111.

SANTOS, André Tomás (2012) – Reflexões sobre a arte Paleolítica do Côa: a propósito da superação de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, Maria de Jesus, ed., – *1ª Mesa-Redonda Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*: 39-67. Lisboa: Direcção Geral do Património Cultural, pp. 39-67.

SANTOS, André Tomás (2023) – A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural. In CORREIA, Dalila; SANTOS, André Tomás, eds., – *Por este rio acima: a Arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em Homenagem a António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: Fundação Côa Parque, pp. 55-115.

SANTOS, André Tomás; AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; GARCÍA DIEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge Davide (2018) – O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: A arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova Foz Côa). *Portvgalia*. Porto. 39, pp. 5-96.

VILLAYERDE, Valentín; GUILLEM CALATAYUD, Pere M.; MARTÍNEZ VALLE, Rafael (2006) – El horizonte gráfico Centelles y su posición en la secuencia del Arte Levantino del Maestrazgo. *Zephyrus*, 59, pp. 181-198.

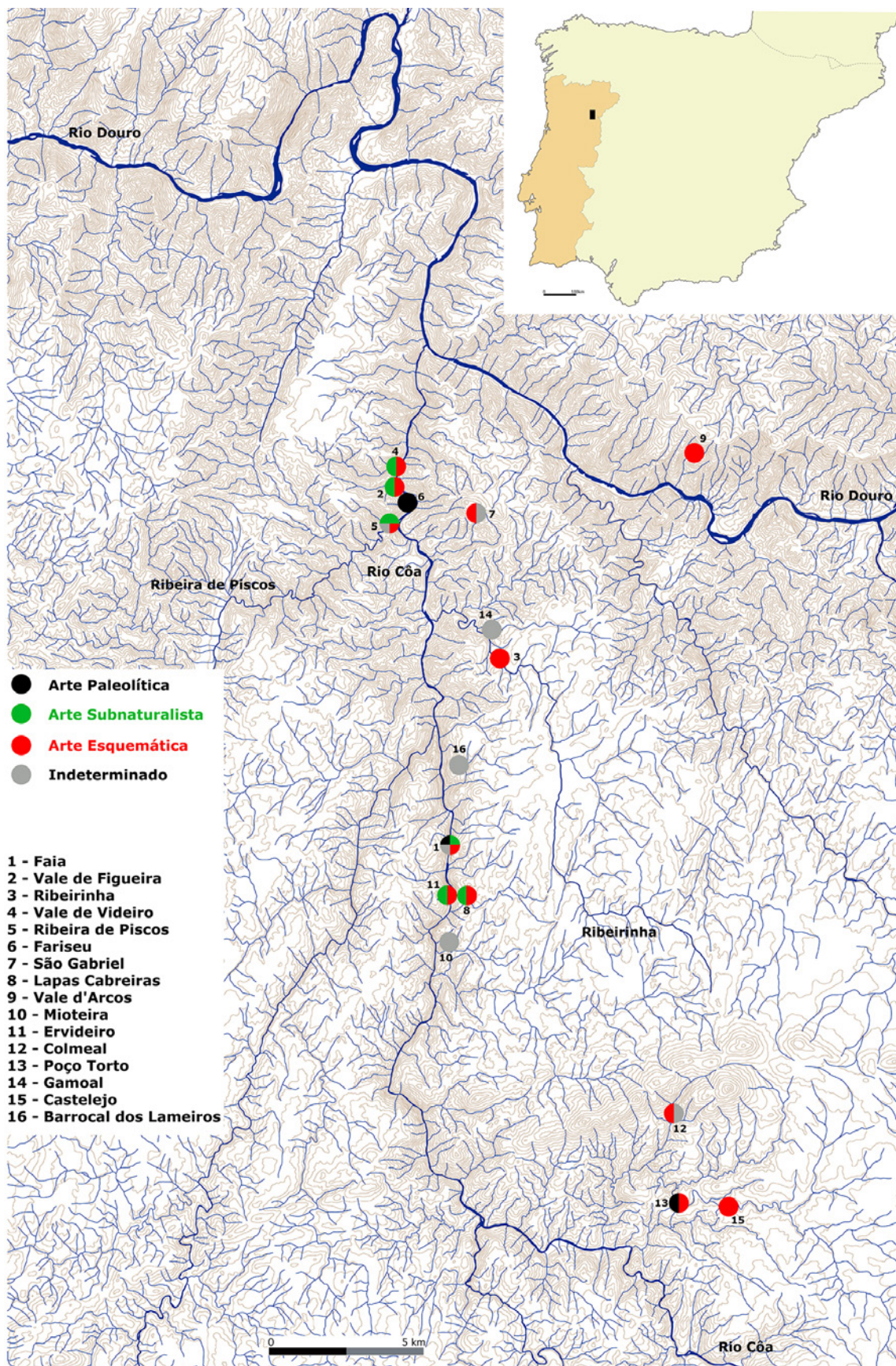


Figura 1 - Localização da região do Côa na Península Ibérica e distribuição dos sítios com pintura pré-histórica mencionados no texto (base cartográfica adaptada a partir da Carta Corográfica de Portugal – escala 1:50,000, Instituto Geográfico e Cadastral).



Figura 2 – Alguns exemplos de possível pintura paleolítica no Vale do Côa. Em cima, imagem do sector direito da rocha 6 da Faia, com o conhecido friso de cabeças de auroque Gravettenses, com pintura no interior do traço gravado. A meio, detalhes da pintura na rocha 6 da Faia, em imagens tratadas com DStretch: à esquerda, três antropomorfos esquemáticos junto a uma das cabeças, com um deles perfeitamente encaixado no interior da cabeça; à direita, detalhe da delimitação dos focinhos de duas outras cabeças de auroque, com as setas a indicar a presença de pintura sem traço previamente gravado. Em baixo, exemplos de motivos possivelmente tardi-glaciares no abrigo do Poço Torto: à esquerda, um detalhe do principal painel do abrigo, com as setas a indicar a localização dos dois motivos analisados no texto (zoomorfo à esquerda, signo à direita); do lado direito, em imagens tratadas com DStretch, os dois motivos em apreço no texto.

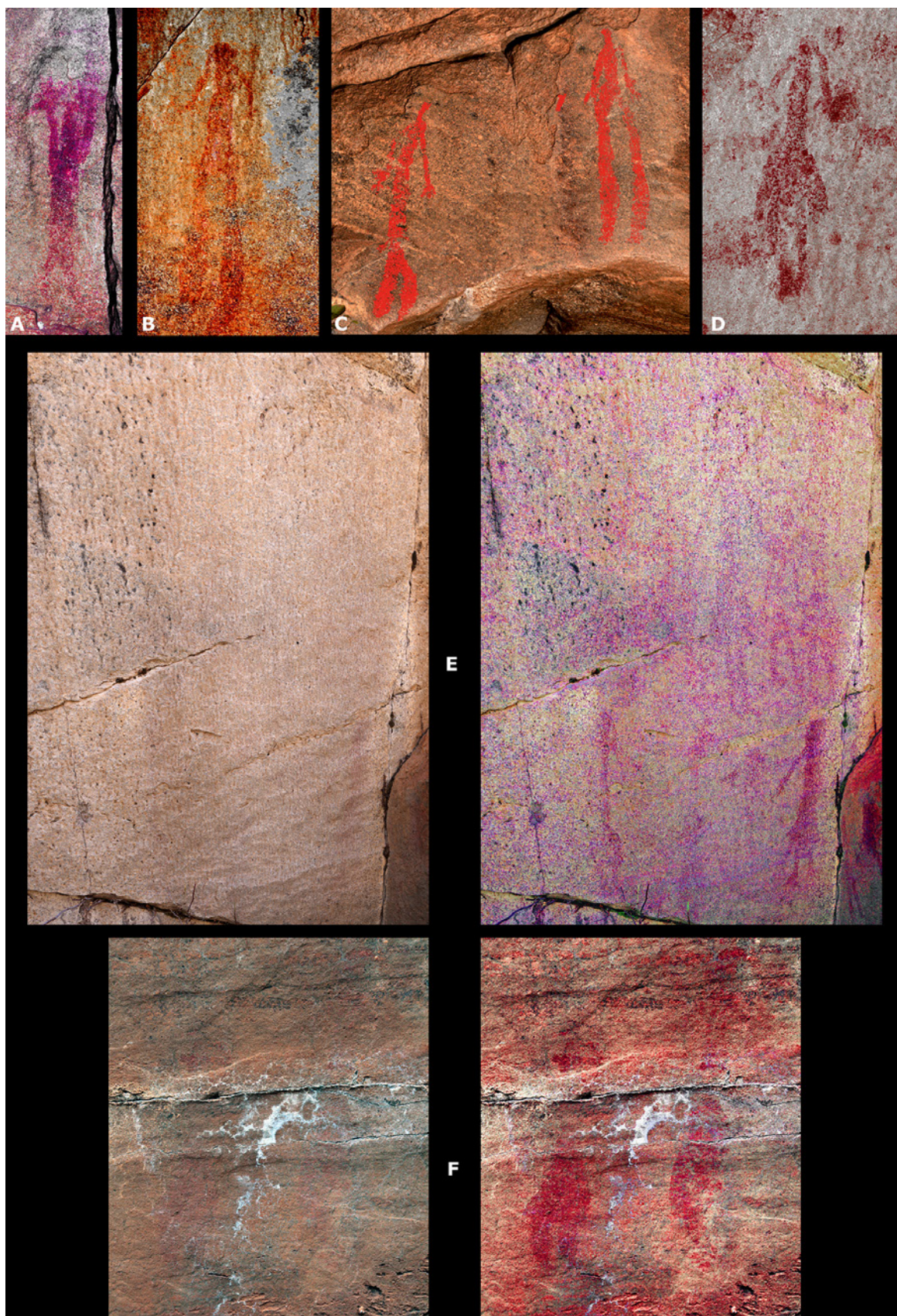


Figura 3 – Imagens selecionadas de pintura subnaturalista no vale do Côa. Em cima, alguns exemplos de figuras humanas (A, B, C – rochas 1, 3 e 5 da Faia; D – rocha 1 do Ervideiro – A, B, D: imagens tratadas com DStretch; C: Imagem tratada com DStretch sobre fotografia. A meio (E), contraste entre a imagem natural e com DStretch do painel 4 da rocha 2 do Ervideiro. Em baixo (F), contraste entre a imagem natural e com DStretch da rocha 3 de Vale de Videiro.

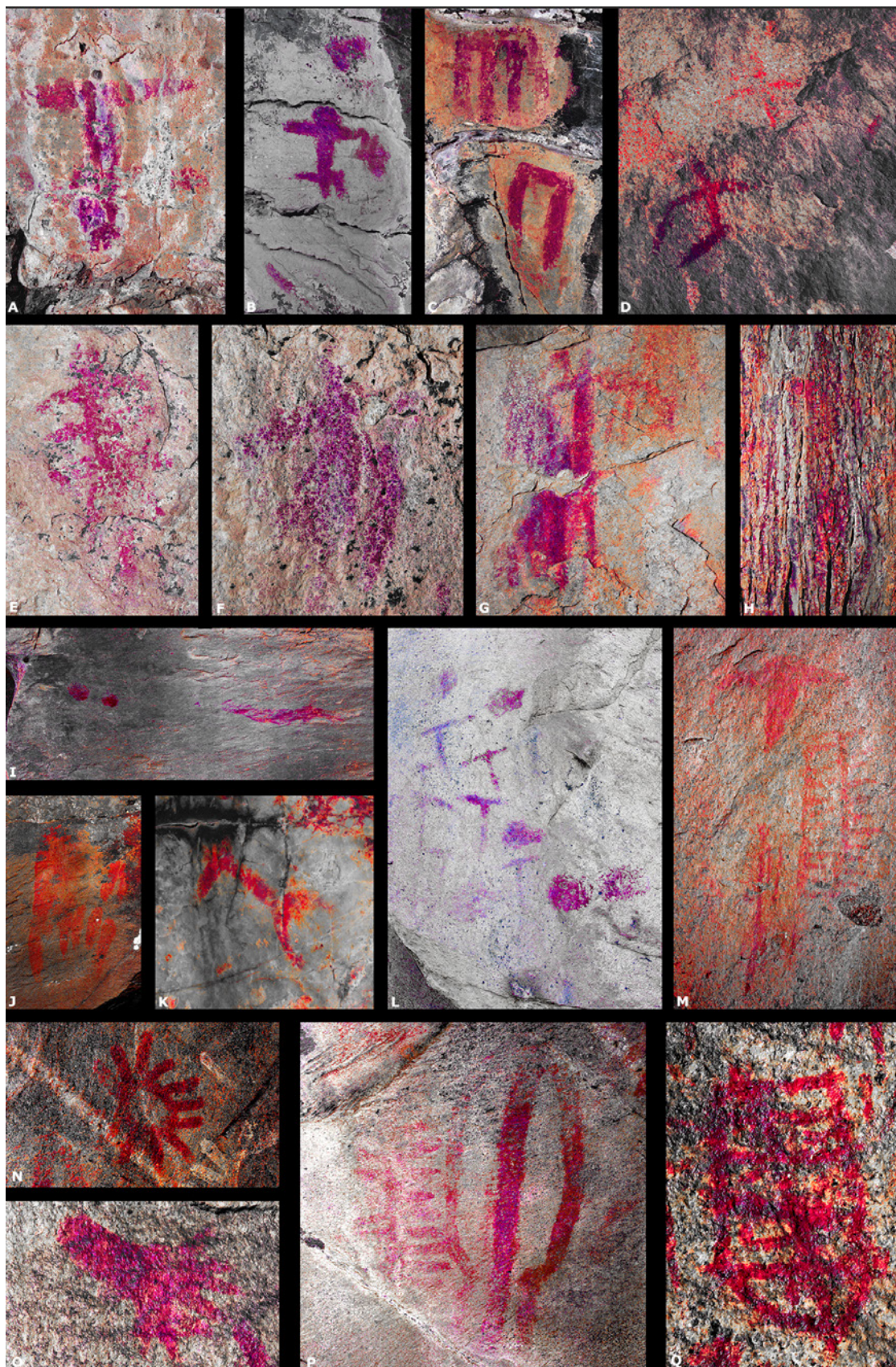


Figura 4 – Selecção de motivos esquemáticos pintados da região do Côa, ilustrando a sua considerável variedade tipológica. A, B, C – rocha 2 de Vale de Videiro; D, O, Q – abrigo das Lapas Cabreiras; E, F, G – abrigo da Ribeirinha; H – rocha 2 de Vale d'Arcos; I – rocha 18 da Ribeira de Piscos; J – abrigo do Castelejo; K – rocha 1 do Colmeal; L – rocha 2 da Faia; M – rocha 8 da Faia; N, P – abrigo do Poço Torto (todas as fotografias foram tratadas com DStretch).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**